

## ARABESCOS

Maria do Carmo Brandão

O menino parou de agitar a cabeça e tentou mantê-la imóvel, talvez para um breve descanso. Mas uma borboleta surgiu e pôs-se a adejar à sua volta, e a cabeça recomeçou a agitar-se, a rodar para lá e para cá, em movimentos desconexos, como se a perseguir aquele vôo colorido e saltitante. O esforço tamanho estendeu-se ao corpo, e o esticou no peitoril da janela, e o despencou no passeio, com um rumor ensacado.

Braços e pernas debateram-se com desespero, arrastaram o corpo e o firmaram na parede rugosa da casa e o ergueram. Curvado, o menino saiu andando às tontas, batendo palmas, um sorriso estranho nos lábios. A baba, cada vez mais grossa, lustrava-lhe a boca, escorria-lhe pelo queixo e pingava no chão. Saraivando tapas no ar, e rindo, rindo, ele insistia em alcançar o inseto que o provocava, insinuante. Tropeçou nos próprios pés e caiu de novo.

Então, começou a chorar, um choro rouquejante e intercalado de grunhidos e a socar com as duas mãos o cimento do passeio.

Até que pessoas surgiram no portão, em alvoroço, e mãos pressurosas e envergonhadas o carregaram para dentro da casa.

A borboleta, douradamente linda, translúcida ao sol da tarde, ainda revolteou ali por instantes, chispeou num repente e sumiu.